

ENTERNECIDO CANTO
POETICO, HISTORICO, E MORAL
A' MORTE
DE

DIOGODEMENDOCA
CORTE REAL

*Secretario de Estado do sempre Augusto Rey,
e Senhor noſſo*

DOM JOAÃO V.

DEDICADO

AO ILLUSTRISSIMO REV.^{mo} SENHOR

D. THOMAS

DE ALMEIDA,

PATRIARCA PRIMEIRO DE LISBOA,

PELO

P. ANTONIO DE S. JERONIMO

JUSTINIÃO,

Capellaõ do Coro da Igreja de N. Senhora de Loreto
da Nação Italiana.

LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA RITA-CASSIANA.

Com todas as licenças necessarias.

Anno M. DCCXXXVI.

*Vende-se na mesma Officina, e às Portas de S. Catharina,
na Rua nova, e defronte do Convento da Boa-hera.*



ENTERNECIDO CANTO
 HISTORICO, HISTORICO E MORAL
 A M O R T E
 DIOGEDEMENIDOCIA
 G O R T E A T
 Secretaria de Estado de Portugal
 DOM JOAO V.
 AO ILLUSTRISIMO REY. SENHOR.
 D. THOMAS
 DE ALMEIDA,
 PATRIARCA PRIMEIRO DE LISBOA,
 P. ANTONIO DE S. JERONIMO
 JUSTINAÑO
 Capellão do Coro da Igreja de N. Senhora de Loreto
 da Nacão Italiana.
 LISBOA OCCIDENTAL.
 NA OFFICINA RITA-CASSIANA.

Com todas as licenças necessárias.
 Anno M. DCCXXXVI.
 Vende-se nas mesmas Officinas, e ás Partidas de Carabaxina,
 na Rua Nova, e de S. Pedro de S. Paulo.



ILL.^{mo} E R.^{mo} SENHOR.



OFFERECER oblações, e consagrar vi-
tims a minha obediencia (e não sey se
liga hum amante affecto) a superiorida-
de do mais altivo respeito, que se faz por
sublimado, izento de offendido ; não me
parece, que he criminante o meo arrojo, nem offendendo o
elevado de tão illustrissima Ara, o menor realce de
suas maravilhas (se he, que pôde haver menoridades
em tão sublimadas grandezas.)

Aos pés de V. Illustrissima Reverendissima de-
dico, e offereço este enternecido Canto Poëtico, Histo-
rico, e Moral, que fiz, não com ajustada consonancia,
pois me faltavaõ as metricas melodias; mas com affe-
cto, que suprisse do Canto o dissonante, à morte de Dio-
go de Mendouça Corte Real, Secretario de Estado do
sempre Magnanimo, e Augustissimo Rey, e Senhor N.
Dom João V.

Disse enternecido Canto; porque as circumstancias
da sua morte, quanto magoáraõ pela falta, digo tam-
bem, que alegráraõ as mesmas, na execuçaõ do estrago

421
da vida, que ainda que foy das estrellas fulminante pelo effeito, foy pelo successo, [e ser á] decantado por portento, que não deixa de envolver admirações, e alegrias, hum golpe, ou hum pena, que manifestando está muitas glorias.

Esta sei (pena, ou estrago,) que chegaria a penetrar muito a nobilissima esfera do coração de V. Illustrissima Reverendissima, mas sirva de lenitivo ao penozo, a pia consideração de estar possuindo a gloria, quem na vida deixou para a posteridade tão preclarissima fama, que poucas são as suas linguas, para publicarem suas raras prendas, a toda a luz preexcelsas, e maravilhosas.

Não temo a critica, porque sei que este (já armonico Canto, e já sonoro pelo soberano auspicio) ha de sair venturosamente ao grande theatro do Mundo, debaixo da Illustrissima protecção de V. Illustrissima Reverendissima, e quem se ha de atrever ao sagrado de tantas luzes, que não converta o mesmo arrojão, em reverentes cultos do respeito? A nobilissima pessoa de V. Illustrissima Reverendissima guarde Deos muitos annos.

De V. Illustrissima Reverendissima

Humilde, e affectuoso subdito

Antonio de S. Jeronimo Justiniano.

ENTER-



ENTERNECIDO CANTO
 POETICO, HISTORICO, E MORAL
 A' MORTE
 DO SECRETARIO DE ESTADO
DIOGODEMENDOÇA
 CORTE REAL
 ROMANCE.



E Portugal o Ministro
 Maior q̄ admirou a Europa,
 Sendo mortal para a vida,
 Immortal foy para a honra.

Esta famoso adquirio,
 Pois sem parecer lizonja,
 Foy a honra dos Ministros,
 Que o Mundo prudente louva.

Huma estatua lhe levante ,
Taõ altiva , e taõ famosa ,
Que a respeite simulacro ,
Sendo ao seu respeito propria.

Propria sempre ao respectivo ,
Entre as maravilhas todas ,
O conservava com agrado ,
Sem , que offendesse a pessoa.

Maravilha sem segunda ,
Entre todas foy notoria ,
A discricao , e a prudencia ,
Sem ter queixa huma da outra.

A fama com doces ecos
Nas vozes da sua Trompa
Cante em merecido applauso ,
Este applauso , que lhe toca.

Voando o diga ; mas calle
Entre tanta mortal sombra ,
Porque morrendo elle , vive
Mais immortal nas memorias.

Que

Que morra hum douto Ministro,
 Crível não se faz, sem prova,
 Pois a hum rayo da eloquencia,
 Dura a Parca quebra as forças?

Mas morre; oh pensão tyranna
 Da vida! e vida em quem sobra
 Para o merito mais vidas,
 Do que a Fenix vida goza.

Atrevo-se, e o secco braço
 Entre a confiança louca,
 Pode cortar huma vida,
 Que animavaõ tantas outras.

A temporal cortou nescia,
 Não a que no Ceo já logra,
 Que por ser toda celeste,
 Espiritual he já toda.

E que vida de mais luzes,
 De mais resplandores se orna,
 Do que aquella, que no Empyreo,
 Ao Empyreo subio ditosa?

Fique aqui o pensamento ;
É tu fama voadora ,
Continúa nos applausos
Desto Heróe , que o Mundo atroa.

Voa de hum Polo, a outro Polo,
E là se verá , que soa
Bem o seu nome entre o pasmo,
Pois foy o pasmo da Europa.

Immortal fique nos bronzes,
Do seu nome a larga gloria,
Que outra se cré piamente,
Que no Ceo immortal goza.

Que a do Mundo só gozada,
Tem em si muitas loçobras,
E isto he gloria? he mais martyrio,
Toda pena, e huma vangloria.

Naõ a do Ceo, que he descansço
Dos Justos, que assim se abona,
Sem mescla da menor pena,
De delicias centro toda.

Jà là estás, Heróe sublime,
 Em companhia amorosa,
 Daquella, que em voz, e canto
 Subio ao Ceo por cantora.

Era devo-
 tissimo em
 extremo
 da Senho-
 ra S. Ce-
 cilia.

E sendo encanto das almas,
 Pela voz, e por fermosa
 Soube fer Sol Lá chegando
 A fer do Sol mesmo Espoza:

Cecilia a quem tu devoto,
 Com magnificencia heroica,
 Lhe tributavas em cultos,
 Amor muito em muitas obras.

Obras, que no fino exalta
 A fê mais de quem adora,
 Pois sendo todas affectos
 De amor, são a melhor prova.

Pois só nas obras se esmera
 O amor fino sem lisonja;
 Que são as datas do affecto,
 Onde amor mais se acrisola.

E na grandeza, e piedade,
 Mas não sey se desde agora,
 Se haõ de tornar os alegres
 Cantos em vozes chorofas

De toda a Irmandade illustre :
 Pois tanta fortuna mostra,
 Que faltando tu lhes falta,
 Mas Deos não falta a quem o louva.

Là o louva eternamente,
 Varaõ raro ; e a voz sonora
 De Cecilia te acompanhe,
 Fõrma a tua, e o eco fõrma.

Não só esta circumstancia
 Vaticina o estar na gloria
 Este Heróe ; outras já vejaõ,
 Que em si não tem menor força.

Este prodigio já clame ,
 Que entre hum acaso se nota,
 Que o Secretario de Estado
 No Ceo està , e quem o ignora ?

Aqui agora o pensamento,
 Que lá deixei na outra folha
 Suspendido, e o dominante
 Astro, e o acaso na memoria,

Tyranno foy pelo effeito,
 Pois cumprio naquella hora
 A pronosticada perda,
 Que tanto chorou Lisboa.

Semelhante foy ao rayo,
 A quem só a sua sombra,
 Assombrando os mais altivos
 Respeitos, a todos postra.

Bem podéra o impulso irado
 Reprimilo, e sem lisonja:
 Pois devia a tal objecto,
 Mais a suspenção, que a força.

Razão fora se o decreto,
 Infallivel já não fora;
 Mas feneça para a vida,
 Quem na fama vida goza.

Oh

Oh constellação tyranna,
 Como assim foste traidora?
 Pois cahiste, como hum rayo,
 Bravo empenho! dura coufa!

Sedo Ceo baixaste ao emprego,
 No Ceo já tens ao Mendoça,
 Illustrando a tua esfera,
 Ciente Sol, luz luminosa.

Vê se o provo, astro gigante,
 Que gigante es por famosa
 Luz, entre as luzes, suprema
 A tua maior, que as outras.

Eu o provo (e moralmente)
 Não com fofistica prova,
 Que o Ceo goza, arrependido
 Hum coração, quando chora.

Foy o caso, e já o digo,
 E foy que na extrema hora,
 Hum Sacerdote o absolve,
 Havendo materia, e fôrma.

De

De hum pezar taõ excessivo,
 Que mostrou com grande força,
 Deo materia sufficiente,
 Digna da absolviçaõ toda.

Todas estas
 circumstan-
 cias teste-
 muha o seu
 Cospellaõ,
 q se achou
 presente
 quando lhe
 principiou a
 dar o acci-
 dente.

E mais passando o desmayo,
 Cor tomando outra, se nota,
 Que alentos tinha de vida,
 Pois de huma cor, passa a outra.

Vê se a fôrma com ventura
 Cahio bem, e bem em fôrma;
 Pois vivia no desmayo.
 Na encarnada cor, que mostra.

Continúa o Sacerdote,
 Que nos suspiros, que brota,
 Ou exhala, tem materia,
 A mais proxima, e mais propria.

Este Sacerdote he digno
 De attençaõ; e sem demora,
 No acto Jesus lhe lembra,
 Aperta a mão, alento toma,

Ainda que o não pronuncia,
Nos olhos vê que o conforta,
E abertos o está ouvindo,
Dandolhe entrada amorosa.

Que isto basta para huma Alma
Na conhecida foçobra,
Mostrar, que dá assenso ouvindo,
Quando o alento falta à boca.

Sim para hum Deos tão piadoso,
Que a hum peccador só perdoa,
Dizendo só no seu peito,
Senhor Deos misericordia.

Esta a voz, que nos ouvidos
De Deos he a voz, que soa,
Repremindo nos seus ecos
A justiça de Deos toda.

Nos ecos hum peito falla
Dos suspiros: e o axioma
Do pezar de huma Alma afflicta
Com elles só falla, e chora.

Chora, que o chorar de hum peito
 Arrependido là mostra
 Por dentro, que tudo he pranto,
 Quanto peccou a vangloria.

E quem tanto arrependido
 Se mostrou naquella hora,
 Goze o Ceo ; que se faz crivel,
 Que a gloria sua elle goza.

Pondere-se outro prodigio
 Do Ministro de Deos ; sobra
 Muito à admiração o pasmo,
 Que ao mesmo prodigio assombra.

E qual foy? foy que elle nunca
 Com o Secretario foy fóra
 Do Paço, e ao passo da pena
 Foy de amargura ella toda.

Só nesta
 sessão levou
 consigo o
 seu Capel-
 laõ à quinta
 aonde lhe
 deu o acci-
 dente.

Mas não foy ; foy de alegria,
 Pois quiz Deos piadoso agora,
 Dar a Diogo na hora amarga,
 Que mais he , huma doce, e boa.

Do-

Doce he, quando absolvido
Vay hum peccador : ditosa
Es Alma, pois quando espiras,
Tens comtigo quem te absolva.

Altissima a Providencia
De Deos he : e quem ignora,
Que Deos no maior conflicto,
Dá sempre o remedio a horas?

Horas, que nas da agonía,
A instantes a Alma chorosa,
Quando chega ora, e lamenta,
E ao chegar orando chora.

E este pranto inter necido,
Orando là se melhora :
Pois a gloria orando he o premio
De quem em tal hora, ora.

Outra causa mais descubro,
Para que esteja na gloria
O Secretario mais douto,
Que Portugal teve, e Roma.

Naõ só Roma o Mundo todo
Dezia, e a fama canora,
Que o Secretario só era
Digno de eternas memorias.

E Secrerario, e de quem?
De Joaõ quinto! ó quanto affombra
O Mundo, por Joaõ, e quinto,
Quinta maravilha, e outras.

Pergunto curiosamente,
(Que a materia he melindrosa)
Mas no nome *Joaõ* só digo
Da pergunta he toda a força.

Quem de Christo Secretario
Em o Mundo foy? (em fórma
Respondo) que o Evangelista
Joaõ foy do peito, e joya.

Logo por Joaõ o Monarca
Da Lusitania famosa,
Foy de Christo o Secretario;
E delle quem o foy? o *Mendoça*.

Sal.

Salvo o respeito Divino,
(Pois só por João se toma,
Ser João o Secretario
De Christo a quem elle adora.)

Tirem agora a consequencia ;
(Se João là a gloria goza
Por ser do peito de Christo
O Secretario que o abona.)

Delle, como o Secretario
Deixar pode, hora ditosa !
De estar tambem là gozando
As delicias della todas.

Gozas là, e cà o teu nome
Immortal seja às memorias,
Por ser credito da Patria,
Sendo assombro em toda a Europa.

AO MESMO ASSUMPTO.

SAUDOSOS ECOS DO ENTERNECIDO CANTO

M O T T E.

O Sol morre? eu o não fei;
Póde o Sol hoje acabar?
De hum Polo a outro eu direi,
Toda a luz póde espirar.

G L O S S A.

Q Uem dizem, que em Portugal
Morrera? que o Secretario
De Estado que era hum erario
De descripção, sem igual;
Pois morreo? oh que fatal
Morte foste eu julgarei,
Que se Sol era eu direi
A ti mesma deshumana,
Como foste taõ tyranna?
O Sol morre? eu o não fei.

Póde o Sol hoje acabar?

MAs já fei, que morre o Sol,
 Pois o Mendocça luzido,
 Como Sol esclarecido
 Morreo, ficando hum farol
 Delle mesmo, no crisol
 Apurando o singular
 Luzimento, sem parar
 De luzir em toda a esfera,
 Pois como assim, morte fera,
 Póde o Sol hoje acabar?

De hum Polo, a outro eu direi.

ACabou; e de que forte?
 Immortalizando amante
 Sua luz sempre radiante,
 Lustres dando além da morte:
 Sábia andou, como elle forte

Sabio sempre o julgarei,
E em todo o Mundo verei,
Que o seu nome he immortal;
E que não terá igual
De hum Polo, a outro eu direi.

Toda a luz póde espirar.

IMmortal, e o mais preclaro
Nome, que gozou famoso
De sabio, e o mais portentoso,
A si dando hum nome raro:
Illustrou a esfera claro
Do mesmo Sol, singular
No luzir, e no brilhar;
E como Sol acabou,
E se elle assim espirou,
Toda a luz póde espirar.

ULTIMO ECO
DO ENTERNECIDO CANTO

Nascido dos ultimos suspiros, ao mesmo assumpto

SONETO I.

Morre a Fenix? não morre: pois a vida
 Quem lha dá? ella mesma, que abrazada
 No claro incendio a tem mais animada,
 Quanto mais nelle morre, he mais luzida.
 He privilegio raro: esclarecida
 Se póde chamar logo. E a morte irada
 Tirandolhe os alentos, illustrada
 Será pelo immortal, do Sol querida.
 Immortal Fenix es, e em ti contemplo,
 Outra Fenix com lustres de igualdade
 Que a não fer semelhante, he teu exemplo.
 E quem foy? quem morrendo na verdade,
 Là na *Corte Real* eregio Templo,
 E immortal se fez nelle por deidade.

SONETO II.

NA *Corte Real* entra a dura morte;
 Isto he crível? Sim he; grande ouzadia;
 Pois, como assim se atreve? eu presumia,
 Que só della era izenta a illustre *Corte*!
 Aos respeitos altivos desta lorte,
 Os respeitos se perdem à fidalguia;
 Que por *Corte Real* se lhe devia
 O maior, como a hum Templo altivo, e forte.

Naõ lhe vale o fagrado (oh pena dura!)
 Deste templo taõ grande, e taõ luzido,
 Venerado da Fama, e da ventura;
 Entre a morte já nelle, e o esclarecido
 Deste templo levante outro a ternura,
 Real para a memoria, à Corte unido.

S O N E T O III.

S Eja eterno este templo, e perduravel,
 Ainda que nelle o pranto successivo
 Se embarace com o canto, que atractivo,
 Será na Real Corte affecto amavel.
Embargue já embora o inexoravel
 Golpe, que foy da morte taõ activo,
 Que ainda sendo cruel deixou ao vivo,
 Nesta Corte o Real Templo notavel.
Em Portugal se veja esta memoria
 Em diamantes gravada neste templo,
 Por maravilha rara, e a mais notoria;
Diga-o já a Fama toda, e que outro exemplo,
 Deste Templo naõ ha, e a sua gloria,
 No Ceo tem melhor gloria, onde o contemplo.

F I M.



164

Naõ he vale o fãtado (õn pena dura)
Deffe templo tão grande, e tão iuxtaido,
Venerado de fama, e de ventura:
Entre a morte já nelle, e o esclarecido
Deffe templo levante outro a termina,
Real para a memoria, a Corve unido.

SONETO III

2
Eja eterno effe templo, e perduravel
Ainda que nelle o pranto luctuofivo
Se embarace com o canto, que a fãtado
Seis na Real Corve affeõto amavel,
Embarque já embora o inexoravel
Golpe, que foy da morte tão activo,
Que ainda sendo cruel deixou ao vivo
Neffa Corve o Real Templo notavel,
Em Portugal fe veis effa memoria
Em diamantes gravada nelle templo,
Por maravilha rara, e a mais notavel
Diga-o já a fama toda, e que outro exemplo
Deffe Templo não ha, e a fua gloria,
No Ceo tem melhor gloria, onde o contemplo.

F I M

Que della era izada a Real Corve
Sozinhos altivos
Os reinos fe
Que por Corve
Bom, como



Naõ